



reporteiri.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

25 de Abril de 1931

Numero 38



Leiam a
Sensacional
repor-
tagem
sobre a
queda
da monarquia
em Espanha



EDITORA
S. M. DE CARVALHO
LDA. - RUA
DO COMENDADOR
D. JOAQUIM
DE ALMEIDA
N. 10 - LISBOA

1937

JOALHARIA MORAIS =

O maior sortido de joias, pratas, objectos em estojos próprios para brindes, relógios de pulso e de algebeira de todas as marcas.

A casa mais acreditada na perfeição, honestidade e preços dos trabalhos das suas oficinas, que tudo fazem de novo, tudo transformam e concertam. =



SEMPRE NOVIDADES

TELEFONE
2 7 6 6 2

54, R. NOVA DO ALMADA, 98 — LISBOA

P
A
S
S
A
P
O
R
T
E
S

Espanha, França, Brasil
e America do Norte

=

Agente no Norte da
UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz
RUA DO LOUREIRO, 60
Telefone **762** **Porto**

Doenças do estomago

Comprar somente do que tem a cinta de garantia com a assinatura do preparador. A cinta é nas côres vermelha e amarela

UNICOS DEPOSITÁRIOS PARA
PORTUGAL E COLONIAS

VICENTE PIMENTEL & QUINTANS
194, RUA DA PRATA, 196 — LISBOA

**CURAM-SE
COM
O**

ELIXIR ESTOMACAL SAIZ DE CARLOS

BALANÇAS
AUTOMATICAS

ROMÃO



PERFEITAS, RIGOROSAS,
HIGIÉNICAS, ECONÓMICAS,
ELEGANTES, RÁPIDAS

Em competência com as melhores marcas estrangeiras

Reparações em todos os modelos

ROMÃO & COMP. A

FABRICANTES DE BALANÇAS

Casa fundada em 1778

CRUZES DA SÉ, 13-29

É CARO ?

Mas...

O ESCONDIDINHO

É QUEM MELHOR SERVE

A sua cozinha
os seus menus
os seus serviços
os seus talheres
e os seus vinhos
não tem rival

R. Passos Manuel -- PORTO

COISAS QUE TODOS
DEVEM SABER:

*A CASA QUINTÃO vende
os afamados Tapetes de
Beiriz, faianças artisticas
e mobiliário género antigo*

RUA IVENS, 30 A 34

TELEFONE 2 6064

CAMBISTA TESTA

TEM Á VENDA A GRAN-
DE LOTARIA DE SANTO
ANTONIO. BILHETES E

FRACÇÕES AO PREÇO DA
SANTA CASA DA MISE-
RICORDIA

74, R. DO ARSENAL, 78

UMA REPORTAGEM ENTRE OS "RUFIAS" DE LISBOA

3 ALFAMA, TÚMULO DE IGNORADOS DRAMAS

A solidariedade da fome — O «Gato» trepador — O negociante de projectos de fuga — Vingança de ciumento — O «Menino» ladrão de igrejas — O labirinto subterrâneo de Lisboa — Uma ignorada cidade do crime — Uma gargalhada nas trevas — A louca que embala uma caveira

DOMINGO! Um domingo de inverno com impertinências duma chuva miudinha, intermitente, e correrias endoidadas do vento agreste pelos telhados mouriscos de Alfama, ululando por sobre o enorme amontoado de casario, assoviando pelos bécos e zurzindo raivosamente desconjuntadas vidraças — num completo «jazz-band» da natureza em fúria.

Na vespera havia-me eu relacionado com algumas figuras de relevo na extensa confraria do crime...

E—quereis saber?—muitos desses deportados da sociedade, inúmeros desses leprosos morais perseguidos pela policia e acossados de perto pela Lei inflexivel, possuem uma invulgar nobreza de caracter, uma elevação tal de sentimentos que nos impressiona a sensibilidade, que nos chibateia a vibratilidade dos nervos.

O episódio que se segue e que eu apreendi, por acaso, testemunha esta minha afirmação.

Estavamos numa qualquer casa de bebidas, na Rua de S. Pedro, conversando alegremente — eu e alguns súbditos de Sua Magestade o Crime. Súbitamente, surdiu no estabelecimento um pobre diabo, tipo de operário sem trabalho, que se nos dirigiu de mão estendida, implorativa, a rogar-nos a esmola duns cobres — «porque tinha, em casa, os filhos com fome» — disse-nos de olhos marejados de lágrimas, pregados no chão, e de aspecto envergonhado, de timidez covente.

Vários dos meus companheiros pretenderam mofá-lo, insensíveis à mágoa daquele pai que sofria por não poder valer aos seus. Ofereciam-lhe vinho, com risos sardónicos, a aconselhá-lo: — «Beba disto, tiozinho... Olhe que o roxo faz esquecer as dores».

Foi então que se levantou um deles que, pondo-se de pé a enfrentar de sobrecocho carregado os amigos, exclamou desafiante:

—Basta de brincadeiras! Não é justo que vocês estejam a humilhar este desgraçado, cujo único crime é... não ter trabalho... Ele tem filhos e não sabe que lhes dar... Tem fome! Todos nós, os que aqui estamos, já sabemos o valor da fome... Por isso mesmo devemos ser

generosos... Vou fazer uma «quête» e vocês vão dar o que puderem...

E deram — escusado é dizer-vos —, deram todos o que estava dentro das suas disponibilidades. Apurou-se, assim, uns escassos escudos. O desgraçado operário, que assistiu a este simpático lance, chorando, não teve palavras para agradecer a intervenção magnánima daquele canalha de alma grande e coração bondoso. Eu confesso que fiquei surpreendido com o singelo e característico facto. Admirei, em silêncio, a grandeza daquêle espírito nobre que chafurda em lamaçais de ignominia e de soléncia umas vezes, e outras se eleva a um plano superior a certos indivíduos que nunca fôram criminosos...

Fixei-o então melhor, relembro o que dele me haviam informado. E' baixo e magro, de fisionomia um tanto gasta e malares salientes. A vida parece que se lhe condensa toda no olhar irrequieto e assevajado, embebido de ferocidade e de degenerescências. A conformação estranha da cabeça, assimétrica e quasi quadrada, faz-nos evocar a cabeça dos felinos. Será talvez por isso que o alcunham de «Gato». Será!... E, com efeito, dos antipáticos animais possui a qualidade de trepar, de saber marinhar maravilhosamente. Creio, ainda, que tem igualmente sete fôlegos — porque já por várias vezes foi encontrado como morto, a esvaír-se em sangue, o corpo cosido a fachadas, mas resistindo sempre. E' recordman do número de prisões, pois conta a bagatela de 32. Intitula-se a ele próprio de «az» — «az» dos gatunos escaldadores. Duma agilidade física espantosa e identificado com todas as habilidades dos mais famosos contorcionistas, já por numerosíssimas ocasiões conseguiu fugir com felicidade das cadeias onde o encerravam. Quando está farto de dinheiro vende projectos de fuga aos penitenciários, desenvolvendo astuciosamente os mais diabólicos planos. E o que é certo é que muitas vezes esses planos dão os resultados esperados.

Há questão de seis meses realizou êle uma notavel façanha que deu brado no «meio» e os jornais não registaram porque não foi participada à policia. Conta-se em duas linhas o caso — e chega para o definir. Já lá vão cinco anos que se amancebou com uma rapariga da vida mercenária do amor, que êle conheceu numa noite de estúrdia ali nas vielas do Bairro Alto. Levou-a para a sua companhia e manteve-a, caprichosamente, durante quatro anos. Ela contudo, ao cabo desse tempo, saudosa talvez da sua existência de «borga» e da sua liberdade, ou quem sabe se saturada dos carinhos do temível amante, a pesar dos desvelos com que êle a tratava, um dia resolveu fugir-lhe levando os seus objectos mais necessários e passando a frequentar os clubs elegantes da Baixa. E fez progressos a ambiciosa vestal do amor —



O «Bom Gôsto» acompanhando o nosso redactor ao misterioso subterrâneo que val dum recanto do Castelo Pileão ao Castelo de S. Jorge



porque, passados seis meses, ei-la protegida pelo director de importante casa bancária da Rua do Comércio, que a encontrou no «Maxim's», já feita «senhora», e lhe montou luxuosa casa, ali para as bandas das avenidas novas, em magnifico segundo andar.

O «Gato» todavia é que não esteve pelos ajustes e deu-se a procurá-la com afan, inquietando das colegas dela e investigando o seu paradeiro. Soube-lhe, assim, da morada e da nova situação de «demi-mondaine» que ela, agora, disfrutava ostentadamente. Depois, uma noite, escalando as traseiras do prédio, penetrou-lhe em casa na altura em que ela estava nos braços do outro. E apanhando os de surpresa, amarrou-a a êle, sólidamente, depois do que, num requinte de malvadez, a privou a ela, inexoravelmente, da sua bela cabeleira oxigenada, raspando-lhe os cabelos, com crueldade, servindo-se da sua própria navalha. De nada valeram os protestos da desgraçada. Concluida a sua obra, roubou tudo o que de valor pôde pilhar à mão, obrigando-os a sufocar o escândalo sob tremendas ameaças de morte. Foi essa a sua vingança de amante atraído.

Passados três dias, um receptor do bairro — judeu sovina enriquecido à custa do roubo — comprava-lhe um punhado de valiosas joias por uns miseráveis seis mil escudos. E' inútil dizer-vos, por certo, que durante um mês foi uma paródia rasgada pelas tabernórias do sitio...

Negros crimes, torturas, tristes desgraças, misérias aflitivas, fomes, soluços agónicos, prantos, trabalhos, convulsões de almas, soturnidades, egoísmos brutais, traições, lutas, tudo isto — tudo aqui se esbate e se enovela, nesta Alfama hiper-galvanizada de emoção e amordaçada pelos códigos, neste bairro que resistiu ao terramoto de 1755 e que, ainda hoje, está tão cheio de ineditismo e de mistério para a restante população da capital...

Agora aprendo um segredo de importância para a reportagem — um segredo em que toda a gente fala mas que poucas pessoas, na realidade, conhecem: — os subterrâneos de Alfama. São célebres, mas têm vivido tão sómente na imaginação do povo. Porque para os cruzar, para os calcuriar, é necessário, primeiramente, ser-se iniciado no «bas-fond» da assembléia dos patifes.

Um «Menino» de se lhe tirar o chapéu

João Fernandes (o «Menino») é um desses desgraçados amorais e híbridos a quem certo vício (Conclui na pag. 14)

A VOLTA AO MUNDO

POR UM LEITOR DO «REPORTER X»

==

No «Sud» cheira a Paris — A paisagem portuguesa — Através da noite e da Espanha — Uma hora em Hendaya — A paisagem maquiada da França — Paris? Não, apenas Bordeus — O Quai d'Orsay — «C'est Paris!» — As primeiras impressões — Atravessando o Sena — Pela Avenida da Opera, deslumbrante de luz — Boulevard des Italiens — Na ante-câmara da primeira aventura



O Leitor do Reporter X que empreendeu a viagem mais deliciosa que se pode ambicionar já nos enviou a primeira carta prehepida de impressões. O Leitor do Reporter X é novo ainda, um espírito dótil de aventura e de incandescência, alma ansiosa por se educar, por se elevar, através dos inigualáveis conhecimentos práticos que as grandes viagens proporcionam. Onde começou ele por dirigir seus passos? A Paris — à cidade da luz, à capital do mundo. Se morresse sem ver Paris, dizia-nos ele à despedida, na gare quasi provinciana do Rossio, seria como se nunca tivesse chegado a viver. Galgou duas fronteiras, a portuguesa e a espanhola, para penetrar no coração da França, que é o coração do mundo. Depois de saciado de Paris, tomará novos rumos, com os nervos afeitos a outros ambientes de civilização. Paris, onde acaba de chegar, é a sua primeira lição de cosmopolitismo. Depois de Paris, o mundo, o mundo vasto, enorme, que rola nos espaços infinitos beijado pela luz dourada do lindo sol que nos ilumina.

Eis a primeira carta que O Leitor do Reporter X nos enviou.

Meu prezado Amigo:

Sinto-me atordoado. Não sei por onde devo começar. Falta-me a prática que vocês, jornalistas, têm, para exprimir claramente as minhas emoções. Isto é tudo tão diferente e tão superior ao que eu havia sonhado! Só encontro uma expressão vulgar, e essa mesma francesa, para dizer tudo o que me vai na alma: *C'est Paris!* Sim, é Paris! Esta exclamação engloba todo o encantamento dos olhos, todo o delicioso atordoamento, toda a voluptuosa desorientação que de mim se apossaram desde que cheguei a este Quai d'Orsay babilónico, labirintico, mar humano e revoltoso em permanente agitação, feérico de luzes, infernal de grandes máquinas resfolegantes, que deslizam pesadamente, arrastando grandes comboios sobre as linhas férreas, artérias que, vindas de toda a parte do mundo, trazem e levam multidões que são o sangue do grande corpo que se chama globo terrestre. *C'est Paris!* Sim, isto é bem Paris! Quando evocamos a nossa estação do Rossio, à partida do «Sud», à hora soalheira do meio-dia, meia dúzia de amigos a fazerem-nos adeus, uns vagonzitos quédos, umas carruagens melancólicas que ficam, a escassa população da gare marchando lentamente, sem febre, sem excitação, sem ansia; quando pensamos no que aí deixámos ficar e o comparamos com a apoteose desta chegada, ao começo da noite, a esta capital de fabula, não podemos deixar de gritar do fundo de alma: *C'est Paris!* E Paris! E Paris!

Deixe-me pôr um pouco de calma nos meus nervos excitados, um pouco de ordem nas minhas sensações. Vou rememorar os incidentes da viagem, desde que você me abraçou no Rossio e o «Sud» partiu... para a felicidade. Vejamos se me lembro bem.

O «Sud» entrou no túnel. E' dentro do «Sud» que principiamos a pressentir, embora longinquoamente, este Paris famoso que desejamos al-

cançar. E' numa companheira de viagem estilizada que os nossos olhos descobrem nitidamente igual aos desenhos das revistas parisienses que folheamos, aí, nessa pacatíssima Lisboa; é num cavaleiro de nacionalidade híbrida, meio-americano, meio-francês, que veste com sóbria elegância e deixa adivinhar nas faces escanhoadas da vida aventureira e bem vivida; é nos trechos de conversa que surpreendemos à hora do almoço no *wagon-restaurant*, é um pouco no ar que se respira, no creado que nos serve, que adivinhamos Paris, como se a grande cidade palpitasse junto de nós apenas oculta por um reposteiro.

A paisagem portuguesa, sempre linda, passa fugindo lá fora. Sonhando com Paris, ela pouco nos importa; somos ingratos para com a sua sedução. A' noite deixamos Vilar Formoso, insípido e incolor, deixamos Portugal. Começa o comboio a rolar na escuridão espanhola. Através das vidraças passa, de quando em quando, um clarão, como uma fogueira que se acendesse nas trevas. E' uma povoação espanhola. Momentos depois tudo se apaga. As trevas envolvem-nos de novo. E nós ficamos pensando que nessa fogueira, nesse *pueblo* castelhano, vivem milhares de vidas como as nossas, com as mesmas ansiedades, as mesmas dores, as mesmas paixões.

Pouco a pouco, o pensamento confunde-se com o sonho. A cama apetece. O *wagon-lit* seduz-nos. Deitam-nos. A luz embaciada pela *veleuz* e o balanço da carruagem em marcha obrigam-nos a fechar as pálpebras. Mergulhamos no país do irreal. Paris baila luminoso no horizonte de todos os sonhos. E quando acordamos — quando acordei — já o «Sud» galgava os Pireneus e entrava triunfal na primeira terra francesa.

Estamos em Hendaya. Cerca de uma hora de espera. Uma hora durante a qual corremos apressados a visar os passaportes, a preencher as formalidades da alfândega e a espreitar, de fuga, o primeiro centro cosmopolita que se nos depara.

Hendaya é uma cidade de repouso, uma cidade ponte de passagem da velha península ibérica, plena de arcaísmos para o ambicionado, o moderno Paris. Hendaya é uma cidade de luxo. Deslizam automóveis de preço pelas ruas de suave piso; velhotes respeitáveis fazem o seu *footing*, amas suculentas arejam bebês palreiros em carrinhos de molas. Há muitos *chalets*, palacetes, alguns de estilo catita, aburguesado, outros severos, aristocráticos.

Mas o comboio reclama-nos. A ideia de que, perdendo-o, deixaríamos de gozar algumas horas de Paris, apavora-nos. Corremos para a *gare* — uma *gare* civilizada com o quadruplo do movimento que tem a do Rossio. Uma poderosa máquina «Pullman» espera-nos resfolegando. Acomodamo-nos. E pensamos que ao começo da noite estaremos na capital dos nossos sonhos. O resto pouco nos interessa. No exterior fixam-se os olhos quasi sem verem. Notamos

instintivamente que a paisagem francesa não é mais bonita do que a nossa, mas encantosa e bem vivida; é uma paisagem alinhada, onde o Homem pôs tanto carinho como a própria Natureza; é paisagem bem alinhada, com os vários tons de verde regularmente distribuídos em quadrados, losangos e trapézios — é uma paisagem maquiada, como as mulheres de Paris.

Na *gare* de Bordeus sofremos o primeiro susto — de alegria. Jesus! Aquilo já nos parecia Paris. A *gare* de Bordeus é enorme, pejada de multidão apressada, febril, que se entrechoca, que se agita numa desordem que é uma nova ordem a que não estamos habituados.

Mas quando chegamos ao Quai d'Orsay é que verificamos com vergonha que, em Bordeus, fomos muito ingénúos, muito provincianos! Confundir Bordeus com Paris é um crime sem classificação.

C'est Paris! Mas não há tempo para embasbacar como os nossos ingénúos saloios quando chegam ao Rossio. Um *taxi* aproxima-se. Arremessamo-nos para dentro dele.

Agora somos todos olhos lá para fóra. Tanta gente! E' a hora da saída dos emprégos, é a maré-alta, é um *brouhaha* indescrevível. Vamos por uma ponte sobre o Sena — o Sena dos romances — um Sena bem lavado e escovado, de águas calmas onde mil e uma lâmpadas eléctricas se reflectem em milhões de «zig-zags» luminosos. Entramos na Avenida da Opera — a célebre Avenida da Opera que nós tentamos fantasiar através das novelas de aventuras que devoramos na adolescência.

Passamos juntos da Comédie, com o seu Molière à porta. E, lá ao fundo, crepita um vulcão enjaulado numa montanha de rectângulos de cristal. E' a grande Opera que arremessa ao céu o clarão da sua alma.

Depois, o *taxi*, para nos furtar a este deslumbramento fugaz, mas intenso, leva-nos através do «boulevard» até ao Adolphe Hotel, na Rua Taitbout, uma rua que, comparada com a confusão da Avenida da Opera, se assemelha a um camarim discreto, quasi sombria (como se fosse possível haver ruas sombrias em Paris!), uma rua pacata do «Boulevard des Italiens».

Estava no hotel. Um banho reconfortante preparou-me para me lançar de novo na voragem parisiense. Mal pensava eu que ia ter a minha primeira grande aventura de viagem.

Mas o relato dessa aventura ficará para a minha próxima carta.

Creia na gratidão e na amizade do
LEITOR DO «REPORTER X»

Uma escola de "croupiers"

Um cavalheiro 1933 que desembarca do "Sud"—De mestre-escola a "croupier"—A escola de martingalas—As grandes sucursais de S. Sebastian, Nice e Monte Carlo—A escamoteação de fichas—Como um vicioso toma juízo

UMA tarde destas fômos à «gare» do Rossio para abraçar um amigo que chegava no «Sud». Não sabemos porque, fixámos, de entre as pessoas que desembarcavam, um sujeito, todo «chic», todo «Sud», todo 1933, luvas, joias e dama pelo braço. Um amigo que nos acompanhava fez-nos certas confidencias ao ouvido sobre aquele cavalheiro—que desapareceu entre a multidão...

Dois dias depois, esse nosso bom amigo encontrava-nos e, passando juntos pela Rua da Conceição da Gloria, indicou-nos o último andar (águas furtadas) de um prédio próximo da esquina, e disse-nos: «Foi ali que conheci o su-



jeito que te apontei o outro dia, na «gare». Lembra-te?»

E começou a contar.

Aquêle sujeito chamava-se Z. e tivera princípios muito modestos. Era professor primário. Um dia de festa em casa da família de um seu jovem aluno, caiu em jogar a roleta. Apaixonou-se, ganhou, viciando-se... Vendo-se perdido, visto que o ordenado não lhe dava para jogar, dividiu o tempo vago em duas partes: uma, que passava nas tavolagens (isto em 1915 ou antes talvez); outra, que queimava no estudo de martingalas. Pôs-se em relações epistolares com todos os autores de martingalas famosas. Conseguiu dezenas de fórmulas e pô-las sucessivamente em prática. Mas, fenomeno pitoresco, só ganhava à primeira vez; da segunda em diante, falhava-lhe o jogo. Resolveu explorar a sua erudição, abrindo escola de martingala. Eu nunca fui um obcecado pelo jogo. Contudo deixei-me tentar pelo convite que um amigo me fez uma vez, em me levar àquela escola. Era pitoresca, a casa—com o seu ar de cátedra... ultra-pelintira, o professor que usava colarinhos e atitudes de catedrático em caricatura, os alunos de várias classes sociais, uns com os olhos febris ardendo na chama das ambições, outros pálidos, desalentados, agarrando-se à última fé, à beira do abismo. Fazia-se pagar o sr. professor. Era em 1917 ou 1918 e cada lição custava três escudos. Cada aluno comprometia-se a pagar adiantadamente um mínimo de vinte lições. E como a clientela escolar era de vinte e cinco ou trinta indivíduos—já nessa época da moeda forte—, ele ganhava mil e quinhentos a mil e oitocentos escudos mensais, em média. Os alunos não tira-

vam das lições o êxito cubicado, o êxito prometido, criando-lhe mau ambiente, por fim. Ele próprio, professor, fazia péssimo reclamo ao collegio—jogando... que era o seu único objectivo, e perdendo. Ai por 1920—puff!—a escola fechou... para obras.

Mas ele não era sujeito para ficar inactivo—e sem se queimar no jôgo. A ele se deve a primeira escola de croupiers de que tenho conhecimento no mundo.

Começou primeiro por obter um lugar de croupier; estudou inteligente e habilmente a sua profissão e, como naquela época (1920 a 1925) havia centenas de indivíduos que desejavam obter o lugar de croupier, por várias razões, sendo a principal a de se ganhar mais do que noutro qualquer, ei-lo a arrebatar pretendentes, a imprimir prospectos com condições, a garantir que os croupiers Fulano, Beltrano e Cirano, dos clubs de tal e tal, tinham sido admitidos após uns dias apenas de um último exame... na sua Faculdade. Bom reclamo, ambiente preparado, a casa cheia de alunos e o professor a

tomar juízo, pouco a pouco, involuntariamente—encontrando muito mais interesse naquela roleta dos *trucs* da vida do que na do jôgo. Quando veio a regulamentação, a escola tornou a fechar, emigrando o dono.

Não o via desde os fins de 1925. Só ontem soube que a sorte o tem continuado a proteger, pródiga. Como? Muito simples: Montou várias escolas em S. Sebastian, Nice, Monte Carlo, etc., dirigidas por pessoas da sua maior confiança, podendo ensinar não só a arte do croupier como também a arte de burlar o jogador, patrões inspectores de sala, escamoteando aos olhos de todos parte das fichas que serve e que expede com a pá profissional, metendo-as nos bolsos, nas dobras das calças, nas mangas, como qualquer ilusionista. Estas últimas lições valem dez vezes mais do que as outras... porque rendem cem vezes mais aos alunos. E o nosso cavalheiro, rico, riquíssimo, vive como um príncipe russo (no tempo em que os havia ricos). Agora ele não joga. A ele, os seus ex-alunos não lhe vão escamotear fichas...

JEAN LASSEIRE

redactor do «Detective» de Paris, esteve em Lisboa e visitou o «Reporter X», para o qual teve palavras de entusiasmo

ESTEVE em Lisboa durante uns três escassos dias, proporcionando-nos um convívio espiritual admirável, o nosso estimado colega da imprensa parisiense, Jean Lasserre, redactor do *Detective*, do *Voilà* e do *Petit Journal*.

Jean Lasserre é um jornalista que parece inventado pelo *Reporter X*. Conta apenas vinte e três anos de idade e já não se lembra de quantas vezes atravessou o Atlantico para ir à Norte America buscar assuntos sensacionais para as suas reportagens. A sua carreira, por enquanto curta mas brilhante, conta uma série de triunfos e episódios curiosos vividos através do mundo.

O *Reporter X* e a sua redacção, que êle visitou com curiosidade, mereceram-lhe palavras que nos desvaneceram e que honram a imprensa portuguesa. Afeito

a assuntos do vulto e das características que, usualmente, o *Reporter X* aborda, Jean Lasserre sentiu-se satisfeito por trabalhar alguns dias junto a nós, fazendo para os jornais que representava uma reportagem sobre os acontecimentos da Madeira.

Tencionava Jean Lasserre, a quem a cidade de Lisboa encantou, demorar-se mais alguns dias para estudar esta capital sob vários aspectos, mas os acontecimentos de

Espanha obrigaram-no a partir precipitadamente para aquêle país, deixando em cada um de nós um admirador e um amigo.

Temos a esperança de que tornaremos a abraçar Jean Lasserre em Lisboa, onde êle voltará certamente com mais demora e onde encontrará vasta matéria para inúmeras reportagens que o seu belo talento sabe valorizar.

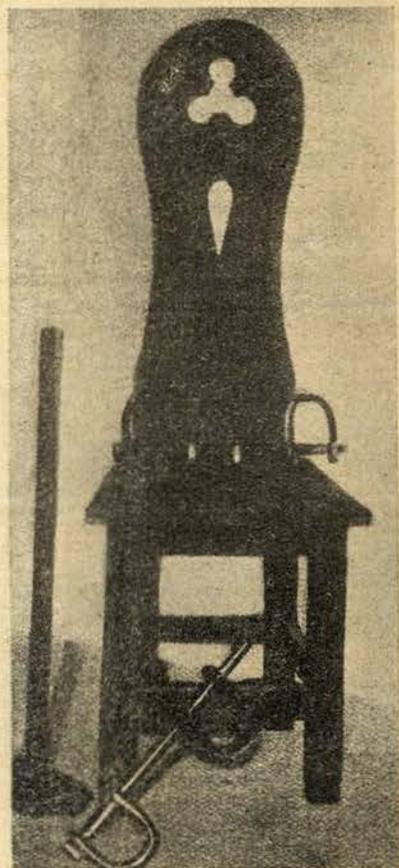


Na nossa redacção—Jean Lasserre, o jovem jornalista do *Detective*, entre os seus camaradas do *Reporter X*.

BUENOS AIRES é na nossa época uma cidade quasi lendária, onde as coisas maravilhosas ou terríveis — terrivelmente maravilhosas — nascem espontaneamente. O episódio a que hoje fazemos referências pertence à categoria do maravilhoso terrível, do maravilhoso repulsivo. O personagem principal deste romance vivido Severino di Giovanni, um piemontês de nascimento, que foi em Buenos Aires o que foram em Paris, Bonnot, Ravachol e Garnier. Giovanni foi o terror da grande capital argentina, um José do Telhado que tinha à sua disposição recursos destrutivos que a ciência, neste século de civilização e de progresso, colocou ao serviço do Mal.

As proezas de Giovanni

O reinado de Severino di Giovanni começou em Maio de 1928, com uma



A cadeira da morte que serviu para executar Scarfo

bomba, que fez estoirar no consulado de Italia, e terminou em 1 de Fevereiro deste ano, às primeiras horas da manhã, com um fuzilamento a que a lei o condenara.

A policia, após o primeiro crime, tentou em vão capturá-lo. Já perdia a esperança de encontrá-lo, quando uma nova bomba explodia na farmacia do conhe-

O TERRORISTA DE BUENOS AIRES

Um jovem italiano, arrastado pela sedução de uma linda mulher, entrega-se aos mais condenáveis e violentos actos de banditismo. Assalta Bancos, arremessa bombas, assassina homens e acaba por morrer fuzilado. Esse homem esteve em Lisboa antes de embarcar para a Argentina

cido fascista Mastronardi. Depois os crimes sucederam-se, em série ininterrupta, sempre praticados com uma audácia, uma presteza desconcertantes. Contra o Banco de Boston, à esquina da Rua Florida, estoirava um petardo, no altar-mor da catedral estoirava outro, mas desta vez o plano não foi tão bem estudado que nas mãos da policia não ficasse o principal cúmplice de Giovanni, um tal Scarfo, também italiano de origem.

Vieram depois atentados contra anarquistas doutrinários que condenavam a conduta de Giovanni, que afirmava ser anarquista a sua acção criminosa. Araugo, redactor de *La Protesta*, caiu varado por balas homicidas, o anarquista Cremonsi teve igual sorte, na cidade de Rosario, e em Montevideo o ódio do piemontês foi ferir de morte o socialista Julio Montagna. Realizadas estas vinganças pessoais, Giovanni regressou aos crimes que lhe dessem dinheiro.

O caixa das Obras Sanitárias, acompanhado por um outro empregado do hospital, seguia tranqüilamente em automovel. De súbito, dois homens saltaram para o estribo do carro, de revólver em punho. O caixa foi imediatamente assassinado, sendo-lhe levada a sacola do dinheiro. O outro empregado fez fogo sobre os adversários, abatendo um. Mas Giovanni, ileso, desaparecia num automovel que o esperava.

Entretanto produz-se a última revolução na Argentina. Estabelece-se a lei marcial. O povo tem esperança em ver-se livre do perigo Giovanni. Este, porém, continua, com mais prudência, é certo,

mas com igual firmeza e audácia. Assalta uma fábrica de calçado, depois o Banco Avellaneda. Neste último não lhe foi possível arrombar os cofres, tendo que evadir-se, cheio de raiva e sem vintem.

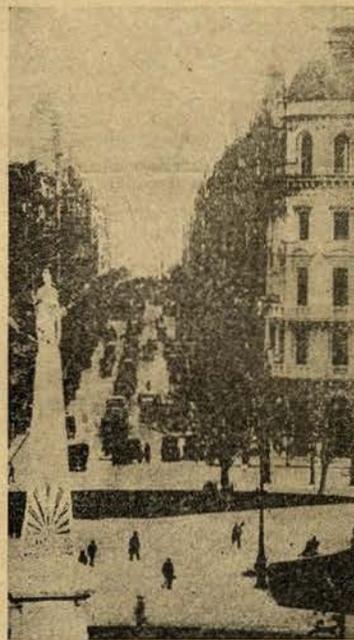
A sua audácia sobe de ponto no assalto ao carro celular onde julgava que eram conduzidos Scarfo e outros cúmplices que elle queria libertar. Enganara-se porém. Os cúmplices não iam naquêlê carro.

Depois de alguns dias de repouso assaltou o escritório de pagamentos da Companhia Central de Autobus, apoderando-se de cerca de duzentos contos — uma bagatela que não valeu o trabalho...

Em Buenos Aires pairava o terror. Havia pelas paredes retratos do bandido, com estes dizeres: *Este é Giovanni. Preadam-no ou denunciem-no!*

Uma noite Giovanni estava comendo e bebendo num *cabaret* de La Boca, entre polacas prostituídas e malandrins do porto, quando a policia entrou.

O bandido saltou para cima de uma mesa, rompeu fogo contra os policias, forçando-os a recuar. Solto uma garga-



Uma das maiores praças de Buenos Aires preferida por Giovanni para a prática das suas proezas

lhada, puxou de uma nota de cinquentá «pesos», atirou-a à cabeça do dono do *cabaret* para pagar largamente a sua despesa, saltou para uma janela e desapareceu no jardim.

Poucas mais proezas praticou. Um dia saía, com os amigos, de um café da Avenida de Maio, quando de súbito a policia os cercou. Travou-se uma renhida batalha. Caíram três policias e uma rapariga de catorze anos que passava na occasião. Mas

(Conclui na pag. 15)

Um visitante misterioso — Perseguido uma sombra — Na Figueira da Foz — Em Coimbra — Uma reportagem que falha — Ecce homo — Uma revolução matematicamente organizada — Um telegrama de família — O número 14 persegue os Bourbons — Uma série de fatalidades — Ramon Franco em Linda-a-Pastora — Um Rouget de Lisle moderno — Um hino espanhol nascido em Portugal — Explicação do telegrama — A prisão de Sanchez Guerra — Um empregado dos correios monárquico

Anotações, decifração de mistérios e pormenores curiosos à margem da República Espanhola

Em Novembro do ano findo, o contínuo trouxe-nos um cartão de visita de uma pessoa que, à viva força, nos queria falar. Mergulhávamos nesse momento na lufa-lufa absorvente do trabalho, um trabalho intenso que mal nos permitia respirar. Recebemos, por isso, de mau humor a interrupção do contínuo.

— Não podemos agora falar a ninguém — vociferámos de mau humor, sem ao menos termos lançado sobre o cartão que nos traziam uma mirada curiosa.

— Mas — murmurou o empregado — é um cavalheiro que tem qualquer coisa de muito grave a comunicar ao jornal.

— Não podemos agora receber visitas. Que venha mais tarde.

Já tínhamos esquecido o visitante, quando de novo o empregado nos interrompeu.

— O tal sujeito pede-lhe, por tudo, que o receba imediatamente...

— Irra! — exclamámos, no cumulo da exaltação.

Examinámos o cartão. Era um bilhete vulgar. Um nome: Pablo Contreras. Um endereço: Sevilha. Nada mais.

— Mandé entrar — dissemos ao contínuo.

E entrou um cavalheiro baixote, franzino, moreno, olho negro e scintilante, bigode grisalho, que fez uma reverencia delicada e, sem ao menos nos pedir desculpa de vir interromper a nossa labuta, aboridou, apressado e em voz baixa, o assunto. Falou durante um quarto de hora sem que o interrompéssemos. Dir-se-ia que trazia o seu discurso de cor. Quando terminou, ergueu-se, estendeu-nos a mão dizendo-nos em tom de despedida:

— Entendido?

— Sim, entendido.

E foi-se, fechando suavemente a porta. No dia seguinte, de manhã, acompanhados pelo Idílio Ferreira tomávamos à pressa o «rápido» do Porto; cerca do meio-dia descíamos em Alfaiates; à uma da tarde tomávamos café no Luso-Espanhol, da Figueira da Foz, quasi deserto e triste naquele começo de inverno.

Ali, naquele café provinciano, olhando a rua solitária e melancólica, o tempo parecia marchar com enervante lentidão. Cerca das duas da tarde, um homem dos seus vinte e cinco anos entrou, circunvagando a vista. Examinou-nos com atenção e, aproximando-se, perguntou-nos:

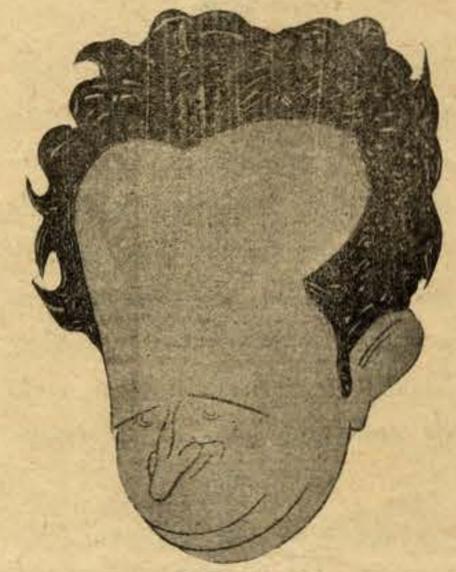
— Vem da parte do sr. Contreras?

— A um nosso sinal afirmativo, prosseguiu:

— A pessoa que os senhores procuram já não está na Figueira. Esteve hospedado em casa de um compatriota e partiu esta manhã para Coimbra.

— Mas esteve aqui, com certeza? — inquirimos.

— Sim, esteve rigorosamente incógnito, du-



Ramon Franco

rante alguns dias. No entanto, houve quem o visse e o reconhecesse. Para evitar qualquer maçada, apressou-se a partir.

Minutos depois estávamos em comunicação telefónica com a cidade de Coimbra. Era o Saraiva do *Diário* que nos atendi. E no dia seguinte, após uma curta mas maravilhosa viagem, na velha gare coimbrã, caímos nos braços entusiastas do nosso colega Antonio Saraiva.

Acalmado o entusiasmo da chegada, pusemo-nos em campo. Depois do almoço no Central, desce-mos ao café, ruminando projectos de investigação. Uma hora mais tarde encontramos uma pista.

— Sim, vimo-lo ontem aqui, em Coimbra — disse-nos em segredo certa pessoa, um antigo condiscipulo, que nos caiu quasi do ceu no momento da desesperança. — O gerente da filial do Banco Ultramarino afirma que ele esteve naquela casa bancária trocando pesetas. Pena hoje ser feriado, senão iríamos lá informar-nos melhor (era no dia 1.º de Dezembro). Sei ainda que esteve no Astória.

No Astória? Era uma pista. Para lá encaminhámos os nossos passos. O creado que o serviu ao almôço ia jurar que era ele. O outro companheiro, também espanhol, é que ele não conhecia. Almoçaram prazientemente. No fim pediram vinho do Porto. Ergueram os cálices, brindando pela España Nueva, pagaram a conta e desapareceram. Para onde teriam ido? Não se sabia. Perdeu-se-lhes o rasto.

Regressámos a Lisboa, despeitados. Era uma grande reportagem que falhava.

Poucos dias depois, estalava uma revolução republicana em Espanha. O movimento fracassou. E os vencidos refugiaram-se em Portugal. O homem que nós perseguimos através do país, o homem que partia sempre horas antes de nós chegarmos, estava finalmente na nossa presença, ali, em Mafra, e falava-nos com uma diplomacia exagerada, evitando perguntas indiscretas para não se ver forçado a dar respostas mais indiscretas ainda. Esse homem era Ramon Franco.

E Ramon Franco levou de Portugal qualquer coisa de muito interessante para a República Espanhola. Mas antes de revelarmos o que foi, permitam-nos uma interrupção.

A ideia da implantação da República em Espanha já não é nova. Ainda no consulado de Primo de Rivera várias tentativas revolucioná-

rias foram postas em jôgo, fracassando todas elas ou porque a intervenção governamental se fazia a tempo ou porque o acaso, que tanto influi no destino dos povos e dos homens, se encarregasse de contrariar as aspirações dos revolucionários.

O episódio mais curioso de tentativa revolucionária foi com certeza aquele em que Sanchez Guerra participava e que, falhando, o arremessou para a cadeia. Talvez nunca se tivesse organizado uma revolução com tanto método, com tanta precisão como aquela. Os conspiradores estavam absolutamente seguros da vitória. A rebelião deveria estalar simultaneamente em todas as cidades de Espanha, no mesmo dia e à mesma hora. O governo monárquico, prevenido, seria com certeza impotente para sufocá-la.

Mas o homem pôe e... o acaso dispõe. A certa altura, como faltassem alguns elementos importantes para consolidar o triunfo após o primeiro momento vitorioso, o comité, formado por pessoas excessivamente ponderadas, resolveu adiar o movimento e expediu para os conjurados dos vários pontos de Espanha este telegrama inocente: *A nossa prima já não chega hoje conforme o combinado. Quem poderia adivinhar que sob estas palavras insignificantes se estavam fazendo combinações revolucionárias? Ninguém. Mas... o caso é que tudo se descobriu e por uma forma muito simples. Querem saber como? Aguardem uns instantes — enquanto lhes vamos demonstrar que o número 14 tem perseguido os Bourbons desde recuadas datas, ora com grandes venturas ora com grandes desgraças.*

Um leitor assíduo do *Reporter X* escreveu-nos esta carta formidável:

«Meu caro amigo: O 14 é número fatídico dos Bourbons. E, para não o impacientar com algumas considerações enervantes, passo a fazer a demonstração sucinta.

Há quatro séculos aproximadamente que o número 14 tem sido risonho e fatídico para com aquela real estirpe. Henrique IV (o rei gigante), instituidor da dinastia dos Bourbons em França, nasceu no ano de 1553. Somando estes algarismos dá 14. Este monarca reinou na época inquieta e terrível das guerras religiosas e morreu assassinado por Ravaillac em 14 de Maio de 1616. Aparecem-nos, no mes e no ano, duas vezes 14. Fatídica a data do nascimento, fatídica a data da morte. Sucedeu-lhe Luís XIII, em 14 de Maio de 1616 (duas vezes 14), que morreu em 1643. Cá está novamente o 14 na soma dos algarismos 1, 6, 4 e 3. A Luís XIII sucede Luís XIV em 1643 — sempre o 14, que desta vez despejou sobre o alvejado a cornucópia de um reinado feliz. Morreu (novamente o 14 na soma dos algarismos) em 1715. Luís XV foi coroado em 1715 (ainda o 14). Luís XVI morreu no cadafalso em 14 de Julho de 1789. Sempre o 14!

A dinastia conserva-se afastada do trono durante longos anos até que em 1814 (14 na terminação, 14 na soma dos algarismos) volta a governar com Luís XVIII (conde de Provence), irmão de Luís XVI.

Vejam agora a sorte dos Bourbons em Espanha. Principiemos por Fernando VII, irmão de Carlota Joaquina. Subiu ao trono em 1814, falecendo em 1832. O 14 persegue-o na coroação e na morte. No seu reinado nota-se ainda outra coincidência interessante. Foi em 1823 (soma 14) que o constitucionalismo foi esmagado pelo absolutismo.

Aproximemo-nos do nosso tempo. Afonso XII entra em Madrid para tomar posse da sua coroa, 14 dias depois da coroação. Sucedeu-lhe seu filho Afonso XIII, agora derrubado pela República. Afonso XIII nasceu em 1886, somando 14 os dois últimos algarismos. E a República é implantada em Espanha em 14 de Abril de 1931. Como ve aparece duas vezes o número fatídico para os Bourbons; 14 no mes, 14 na soma dos algarismos do ano.»

Deixamos aos leitores o trabalho de meditare no mistério destas coincidências.

Vamos agora satisfazer a curiosidade dos leitores rematando os dois episódios que deixámos em suspenso. O primeiro re-

fere-se à passagem de Ramon Franco em Portugal.

Durante a sua estadia em Portugal, Ramon Franco recebeu um convite misterioso. Pediam-lhe para ir visitar um oficial espanhol que atravessara a fronteira com passaporte falso e vivia escondido em Linda-a-Pastora. Após certa hesitação, Franco dirigiu-se um dia àquela ridente povoação dos arredores de Lisboa. Efectivamente, o tal oficial esperava-o, acompanhado de um outro espanhol muito conhecido em Lisboa: Ramon Torralba, compositor musical, que entre nós musicara uma das revistas do Teatro Maria Vitória.

Torralba é um republicano entusiasta. O encontro dos três correligionários naquela formosa localidade foi — como é de calcular — cordialissimo. Torralba, satisfeito com a presença de Ramon Franco, falou-lhe com entusiasmo na grande esperança que tinha em ver a República proclamada em Espanha.

Ramon Franco, com o seu espírito romântico, lembrou, meio sério, meio jocoso, que tendo sido a «Marselhesa» gerada espontaneamente num momento de exaltação republicana em Strasburgo, podia muito bem nascer ali, em Linda-a-Pastora, o hino da futura República espanhola. Que diabo! Havia a exaltação patriótica, havia o compositor musical...

Ramon Torralba viu que os seus dois companheiros o fitavam com ar grave. E, empaldecendo, recordando talvez a atitude de Rouget de Lisle, há 140 anos, numa cidade alsaciana, sentou-se ao piano e uma hora depois estava feito o hino republicano da Espanha.

Ramon Franco levou-o consigo quando partiu para o exílio.

Dias depois de proclamada a República, Torralba procurava um dos ministros do governo provisório, convencido de que o seu hino ia tornar-se oficialmente o hino do novo regime da Espanha. Chegara tarde. O governo provisório encomendara a música ao maestro Esplá e os versos ao poeta Antonio Machado.

Agora, querem os leitores saber como ficou gorada a revolução mais bem organizada da Espanha?

O comité expediu trinta e tantos telegramas do mesmo teor inocente, para evitar que a revolta estalasse em trinta e tantas cidades da Espanha. O empregado dos correios que recebeu esses telegramas era monárquico — e susteve-os, mandando as cópias ao governo. Este, alarmado, depois de pressentir o que eles ocultavam sob a sua redacção cândida, resolveu que seguissem todos o seu destino, excepto um — o que era endereçado para Valencia. Em Valencia, fiéis ao compromisso revolucionário, as tropas revoltaram-se, verificando com surpresa que não eram acompanhadas pelo resto da Espanha. O governo sufocou a revolta e prendeu Sanchez Guerra.

Os homens põem e certos empregados dos correios dispõem...

REPORTER MARIO

A Queda da MONARQUIA em ESPANHA



Nas eleições — Preso por soltar vivas subversivos

Nas vésperas da República — A guarda civil despeja a calle de Alcalá

Tumultos em Sevilha

Uma manifestação republicana em Madrid

Mais tumultos em Sevilha

A guarda civil protege a propaganda eleitoral

Preso por vender o voto

UM GRANDE PERIGO AMEAÇA O PORTO

Revela-se a existência de um homem fatídico que descende em linha recta de homens que noutros tempos, através da História, provocaram com a sua influência perniciosa as mais horribéis catástrofes

NOS massos de correspondência que, cotidianamente, o Reporter X recebe, surgem sempre algumas cartas curiosas, originais, que mais longamente nos prendem a atenção. Provenientes dos mais variados pontos do país, essas cartas são quasi sempre anónimas. Raras vezes as pessoas que as escrevem têm coragem de lhes pôr no fim a assinatura. Este caso, porém, não se verifica com a correspondência que um cavalheiro, de quando em quando, nos envia do Porto. Ele assina Pedro de Jesus Costa. Quem é o sr. Pedro de Jesus Costa? Não o sabemos. Ele afirma que nos conhece muito bem, que já conversou com nós, certa tarde, a uma mesa do *Excelsior*. E' possível... Temos conversado tantas vezes no café *Excelsior* com pessoas das mais variadas espécies...

A primeira carta que do sr. Pedro de Jesus Costa recebemos (mandámo-la agora mesmo buscar ao arquivo e estamos-la comparando com as mais recentes) é datada de 12 de Outubro de 1930 e começa assim:

«Sei que você não é supersticioso. O seu espírito desempoeirado repele as credences estúpidas e sem a menor aparência de lógica. Entretanto, já você o confessou, acredita no «ritmo das coincidências». Tem razão. O acaso, a coincidência, a sorte não são factos que se produzam sem uma íntima ligação, desagregados das leis que regem o universo. Obedecem a uma regra inflexível...»

De raciocínio em raciocínio, o nosso correspondente chegava a esta conclusão que nos pareceu disparatada:

«Há, portanto, homens fatídicos, como há datas fatídicas, cidades fatídicas. No Porto existe um homem fatídico. E' uma pessoa muito conhecida, disfrutando uma situação privilegiada. Você deve conhecê-lo. Toda a gente o conhece. Abstenho-me de citar o seu nome. Ponha à prova o seu faro jornalístico para descobri-lo.....»

«Esse homem fatídico leva a desgraça, a ruína ou morte a quem dele se aproxima. Lembra-se da série de

desgraças que atingiram M. de S., um homem rico, respeitado, trabalhador? Pois a roda da sorte começou a desandar quando o homem fatídico dele se aproximou. M. de S. está agora em Africa, expiando as culpas que o outro lhe levou, fatídica, sinistramente.»

Como esta carta, apontando-nos factos cada vez mais graves, concretos, e notando a coincidência da aparição do homem fatídico a pré-anuncia-los, temos muitas em nosso poder. Efectivamente, os factos que Pedro de Jesus Costa nos aponta são verdadeiros; mas até que ponto se conjugam eles com a influência maléfica do tal cavalheiro? A sua última carta, datada de 13 do corrente, é alarmante. Diz atlitivamente:

«Um grande perigo ameaça o Porto. Tenho estudado a fundo o caso do homem fatídico. Ele pertence a uma antiquíssima família portuense. Um seu avô favoreceu a entrada das tropas napoleónicas nesta cidade. Seu pai estava na Câmara Municipal, junto da bandeira republicana que se hasteou por ocasião da proclamação da República, em 31 de Janeiro. Ele próprio, na vespera da queda de Paiva Couceiro, foi visto junto deste caudilho monárquico em animado colloquio. Procurei o seu apelido através da História e encontrei um escudeiro de D. Sebastião que o usava. Esse escudeiro regressou ileso de Marrocos; o rei lá ficou. Este homem traz com certeza grandes fatalidades à capital do Norte. Meu caro amigo, grande perigo ameaça o Porto. E esse perigo há-de trazê-lo o homem fatídico — o homem fatídico que, com o seu fato de xadrez e as suas luvas impertinentes e «snobs», estadeia uma falsa superioridade, todas as tardes, no Monumental, e à noite nos cinemas mais luxuosos.»

Não sabemos se devemos ou não acreditar nos maus agoiros que este homem nos remete periodicamente pelo correio. Os factos passados estão certos e esta certeza, esta justeza de pormenores faz-nos tremer pelo futuro.

Que perigo ameaçará o Porto?

Mistério

Como numa conversa se re

À MESA daquêlê terraço de café, no Parque Mayer, numa noite em que a luz gratuita do ceu começa a aureolar de azul os arcos voltaicos e em que a suavidade da temperatura era como uma atmosfera tentadora de verão, um grupo de amigos cruzavam em amena palestra argumentos de filosofia leve, sobre o eterno enigma do amor.

— Conheço galantes moços que se apaixonaram por feissimas quarentonas — afirmou Viegas Pereira, um «vivido» «vividor» para quem a Humanidade era um cofre cujo segrêdo e chave estivessem em seu poder. Conheço ainda belas jovens que tudo sacrificaram: — bem-estar, família e até a vaidade e o luxo, o luxo da vaidade e vice-versa, por galãs caricaturais, sem estilo, sem espírito, sem relêvo físico ou moral. E se fôr a revelar-lhes todo o *dossier* da minha observação sobre o espectáculo variadissimo da vida, citarei corcundas que raptaram Venus, cegas de paixão e desprezando Apolos...

— Mas êsses exemplos, embora simbolizem factos indiscutíveis — protestou o poeta B. F., um romântico teimoso em todas as suas utopias —, não podem ficar sem uma explicação a não ser que nos humilhemos ante o dogma do Acaso...

— Ai está o vosso monstruoso equívoco! ripostou o Viegas. — Tôdas essas anomalias ou êrros ou paradoxos aparentes não são mais do que o fruto da sedução de um detalhe, despercebido do vulgo, a maioria, mas que para a sensibilidade especial de cada caso representa um encanto que embeleza todos os defeitos, todos os aleijões, todas as lacunas. Que importa ao guloso saborear o mais delicioso *crème Chantilly* servido num prato fendido, velho e grosseiro — se esse *crème* é o melhor confectionado de todos que êle provou até êsse dia? A prova esmagadora está na minha vizinha Raquel. Pobre pequena! Modesta, doente, o corpo magro, sêco — sem encantos. O seu rosto simpático, tão fraco de linhas, de luz e de côr que a própria simpatias e apagou sob tal pobreza de formosura. Quem a observasse com olhos de vêr lia-lhe logo a resignação de ficar para tia, na certeza de que ninguem lhe falaria de amor — e muito menos em casamento. Eis um dia que o vizinho do primeiro andar, empregado na Companhia Industrial Inter-Oceânica, com ordenado de três contos, solteiro, vivendo só, rapaz elegante, altivo, indiferente, vaidoso, desprezando ou rindo-se das tentativas de todas as lindas pequenas da rua, ansiosas por caçarem um marido daquêles, se apaixonou pela vizinha feia, se apaixonou e se casa com ela. Houve pasmo, escândalo. O rapaz amava a brancura. O branco, a limpeza, o asseio,

Branco

vela um segrêdo de amor

mas sobretudo o branco era a sua paixão, o seu vício, o alcool dos seus olhos e do seu olfacto, do seu tacto. Sentia o branco a distancia, o branco iluminava-lhe os olhos como uma *feerie*; o branco deliciava-lhe as narinas como um perfume oriental, como um incenso de igreja, o branco, ao roçar-se pelos seus dedos, alvorocava-o como a carne de uma bela mulher... Ora... a feia, a tal, a vizinha desprezada era como êle, amava a brancura, a limpeza como êle... Passava os dias lavando, desencardindo, limpando. As suas roupas, as roupas que exhibia no estendal da varanda e que ela cuidava com a ternura de um jardineiro que se apaixonou pelas camelias — eram de uma brancura fascinante. E graças a isso — conquistou a maior das felicidades. Verdade seja que teve a mais poderosa das ajudas... Em quem? No sabão *Lux*. Sim, deve a sua ventura a êsse famoso *Lux*, o rei dos sabões, o sabão universalmente célebre, o que lava a roupa fina como nenhum outro, o que lava as próprias lãs sem as encolher e que, em Portugal também, tem sido o portador de encantos e de paz a todos os lares que o acolhem. O sabão *Lux*, em flocos, em caixas admiravelmente apresentadas, é o bruxedo sintético de todas as brancuras, até as da alma...

DESCOBRIR-SE UMA NOVA DOENÇA

A primeira vitima até hoje conhecida é uma actriz que o grande publico português admira

O GRANDE publico de Lisboa conhece-a bem. E' mais alta do que baixa, grandes olhos perturbadores, voz quente e aveludada, gesto elegante e um pouco nervoso, e correu quasi todos os palcos nacionais. Há anos ligou-se pelos sagrados laços do matrimonio a outra pessoa muito conhecida nesta capital, pessoa que também pisa o palco e que possui no seu arquivo de artista um grande *stock* de aplausos.

Mas não é o marido que nos interessa, nem a sua vida artistica, nem os aplausos de que tem sido alvo. Tão pouco nos podem interessar ainda para o que vamos relatar as anedotas picantes e as histórias espirituosas que correm mundo acerca desse matrimonio. O que nos interessa é a personalidade dela e ainda dessa personalidade apenas um pormenor estranho, inédito talvez, do seu temperamento, que mereceria a análise fria e científica do Dr. Egas Moniz.

F. — cujo nome ocultamos sob esta inicial mas que o leitor arguto facilmente adivinhará — é uma doente, uma histérica, sofre de uma doença nervosa que deve ser produto da vida febricitante da sociedade moderna.

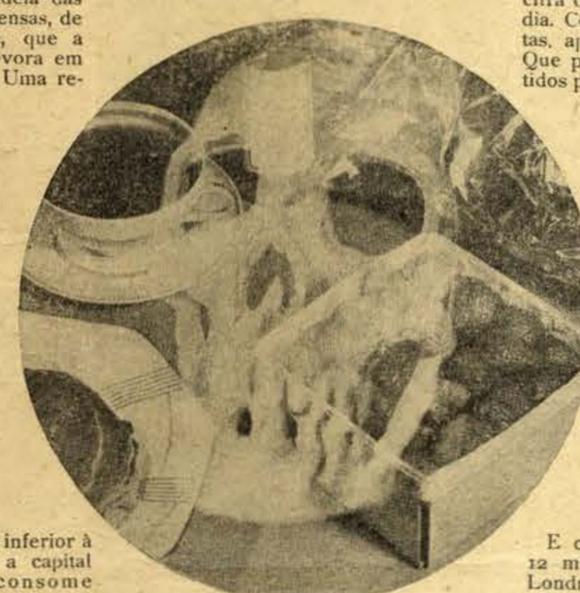
Um amigo nosso, grande frequentador das caixas de teatro, que a conhece de perto e há muitos anos, aludindo um dia a essa enfermidade estranha, confidenciou-nos:

Essa mulher, durante a sua infância, mesmo já na adolescência, nunca mostrou ser vitima, nem de perto nem de longe, dessa inexplicavel aberração. Só depois de mulher

O que Portugal e a Humanidade comem, por dia

AINDA não se pôde saber com precisão o que a humanidade come. Ignora-se concretamente, reduzindo a verdade a números rigorosos, qual é o tesouro em alimentos que os homens consomem, dia a dia, por todo o globo. Mas pelo pouco que se conhece, através de alguns números mais ou menos exactos, referentes aos maiores aglomerados humanos, ás grandes cidades, pode-se fazer uma ligeira ideia das quantidades imensas, de toda a espécie, que a humanidade devora em cada 24 horas. Uma recente publicação norte-americana (os americanos é que se dão em regra a estas excentricidades) revelava alguns números curiosos acerca das principais cidades do mundo. Por essa revista (*Estatistic Review*) soubemos que Londres é quem em todo o mundo consome maior número de ovos. Tendo uma população inferior à de New-York, a capital da Inglaterra consome mais ovos do que a grande cidade americana. Londres devora por dia 36 milhões de ovos! 36 milhões por dia! New-York consome apenas 25 milhões. «Apenas 25 milhões» — diz a citada revista como que despeitada de não ser a cidade americana que batesse o *record* do consumo de ovos. E Paris, a cidade dos nossos sonhos? Come menos de metade dos ovos que New-York devora e fica a perder de vista da voracidade de Londres. Paris gasta 12 milhões de ovos por dia.

Madrid, a capital da República Espanhola parece não ter grande predilecção pelos ovos visto que apenas consome 1.700.000 por dia. De Lisboa (pensa o leitor habituado ao esquecimento a que são votadas no estrangeiro as coisas portuguesas) nada dirá com certeza a *Estatistic Review*. Enganas-te, leitor amigo. Lisboa lá figura quasi ao fim da longa lista, depois de Cape Town, que consome 350 mil, com a cifra de 230 mil ovos por dia. Comemos, os lisboetas, apenas 230 mil ovos. Que pobreza! Sômos batidos por uma cidade africana!



E batatas? Sabem os leitores quantas arrobas de batatas devoram as grandes capitais? Desta vez, New-York bate o «record», com 1.600.000 arrobas cotidianas. Onde meterá aquela gente tantas batatas? Londres, 800 mil arrobas; Paris, 200 mil; Madrid, 300 mil; Lisboa, 20 mil.

E carnes? New-York, 12 milhões de quilos; Londres, 10 milhões; Paris, 3 milhões; Madrid, 1.600.000 quilos; Lisboa, 300.000 quilos, porque não é carnívora...

Ovos, batatas e carnes são os alimentos que mais interessam, embora a citada revista desça ás mais inverosímeis minúcias, como por exemplo quanta pimenta se emprega em New-York: 18.000 quilos por dia. Lisboa, em proporção, emprega mais pimenta do que New-York, visto que consome 1.600 quilos, por dia. Os lisboetas fôram sempre muito apimentados...

já feita, e bem feita que ela é, no regresso de uma viagem a Paris, onde se conservou durante alguns meses, revelou a sua enfermidade. E' uma doença dum espantosa simplicidade. Sofre, como exprimir-me, da *sedução dos tecidos*. Para a sua sensibilidade mórbida os tecidos constituem, como para o paladar delicado dum «gourmet», um manjar delicioso que, antes de se saborear, se cheira, se palpa e se contempla. Em Paris, onde adquiriu essa doença, doença que a medicina do nosso tempo ainda não classificou, ela era a frequentadora mais assídua dos grandes armazens, cujo ambiente perturbador ela estimava respirar. Começava por percorrer as grandes secções de lãs, embriagando-se com as suas côres políeromas e estonteantes, acariciando-as com as suas mãos delicadas e adquirindo grandes quantidades desses tecidos embora dêles não tivesse necessidade, e acabava, depois de ter passado sucessivamente, quasi em êxtase, pelas secções de sedas, dos algodões, das popelines, dos crêpes, das opales, etc., etc., por regressar a casa ajoujada de embrulhos e carregada de uma febre alta que difficilmente conseguia apaciar.

«Em Lisboa, esta doença espantosa agravou-se. F. gastava o melhor do muito dinheiro que ganhava no teatro com essa mania ruidosa de adquirir tecidos. A sua casa é um verdadeiro Armazem Grandela. Possui alguns sa-

lões com armarios do chão ao tecto carregados de tecidos. E sempre que dispõe de algumas horas de lazer, ela passa-as fechadas nesses salões a mergulhar as mãos nas sedas suaves e nos veludos macios dos mais variados tons. Mas esse *stock* que possui não é bastante para saciar o estranho vício. Ela precisa, para melhor gozar o contacto do tecido, de um ambiente buliçoso, movimentado, confuso, do *brouhaha* estonteante das grandes aglomerações humanas. E como em Portugal a única casa que lhe pode oferecer esse ambiente de civilização e movimento é os Armazens Grandela — no Grandela F. passa o melhor das suas horas de ócio. Na casa de chá daquêlê estabelecimento, ela almoça quasi todos os dias opiparadamente e por mólico preço, toma o seu chá com bûtes, enquanto antegoza o prazer que irá usufruir nas outras secções daquela casa importantissima. E não foi apenas por êsses caprichos que ela procurou ali viver uma boa parte da sua vida. E' que ela, como acima dissemos, é uma grande compradora, e só no Grandela, como toda a gente sabe, encontrava os preços mais compenadores do país e as atenções de um pessoal escolhido, correcto, capaz de atender com um sorriso agradável e sem a menor impaciência as maiores exigências das suas clientes, mesmo quando elas sofrem de uma tara como a da conhecida actriz.



As proezas dos gacetunos portugueses

no estrangeiro

PRESENTEMENTE, devido ás grandes facilidades de transportes internacionais, Portugal não se limita a importar do estrangeiro algumas ruindades — como os gravateiros de Paris, os contrabandistas de alcoóides e os negociantes de carne branca —, também exporta alguma coisa que, em matéria de crime, é quasi elegante: o carteirista.

Sim, leitor, vários carteiristas portugueses estão trabalhando com grande êxito no estrangeiro. A policia de Berlim anda neste momento alarmada com um novo processo subtil, quasi sem dor, de roubar carteiras ao cidadão pacifico e desconfia que os larápios que estão empregando esse «processo científico» são portugueses. E tudo leva crer que o são — pelo que adiante se lerá.

Não sabemos se os leitores se recordam de termos abordado levemente este assunto, há tempos, quando este jornal ainda se imprimia no Porto. A proposito dessa referência recebemos alguns dias depois uma carta, datada de Berlim e assinada pomposamente por *Um carteirista português*. O homem dizia-se retirado de «negócios», mas sabia que um seu colega, conhecido já em Berlim pela alcunha do *Automobilista*, estava fazendo uma verdadeira fortuna sem que a policia, desconhecadora dos seus *trucs*, conseguisse ao menos pôr-lhe a vista em cima.

O «Automobilista» tinha uma especialidade: malas de senhora. A operação era executada com tanta pericia que a roubada só dava pela falta dos seus haveres quando o larápio já ia muito longe O «Automobilista» — segundo nos afirmou o «carteirista português» — usava, e cremos que ainda usa, dois processos de furto: abrindo a mala ou carteira sem que a sua possuidora desse por isso, furtando subtilmente o conteúdo; ou arrancando a mala, num movi-

mento brusco, das mãos da dona. Quando se servia deste processo de esticção, em Berlim, fugia sempre em automovel. Daí o seu «sobriquet» de «Automobilista».

Estudava o local. O automovel seguia-o de perto em velocidade moderada. Surgia uma senhora de mala recheada. Um puxão, um homem que se esgueira entre a população, um automovel que se some numa esquina — e pronto...

O «carteirista português» afirma que no estrangeiro os nossos carteiristas têm mais futuro, pelas seguintes razões:

- 1.º Porque o processo de extracção sem dor é admiravel nas grandes aglomerações das capitais populosas;
- 2.º Porque pod em fazer muitas colheitas por dia;
- 3.º Porque em regra as prefeituras da policia desconhecem os carteiristas lusitanos, com as suas indicações;

4.º Porque as carteiras estão quasi sempre melhor recheadas do que em Portugal.

«Trabalhando» com limpeza, um gatuno habilidoso pode alcançar em pouco tempo a sua independência.

Ora, o que nos fez recordar esta carta do «carteirista português», obrigadamente a pincá-la do nosso arquivo e a relê-la atentamente, foi outra mais recente, datada de Londres e escrita pelo próprio «Automobilista». Dizia ela,

«Trabalhando» com limpeza, um gatuno habilidoso pode alcançar em pouco tempo a sua independência. Ora, o que nos fez recordar esta carta do «carteirista português», obrigadamente a pincá-la do nosso arquivo e a relê-la atentamente, foi outra mais recente, datada de Londres e escrita pelo próprio «Automobilista». Dizia ela,

Manuel Cardoso Limpo, sentindo-se agredido, desfechou em legitima defesa alguns tiros de pistola contra o seu agressor, sendo este atingido sem gravidade. O ferido recolheu ao hospital civil e Cardoso Limpo foi preso.

IMPRENSA

«O Castrense»

Foi forçado a suspender temporariamente a sua publicação o nosso estimado colega «O Castrense», semanário republicano de Castro Daire. Fazemos votos pela sua breve reaparição.

Importação & Exportação — Os carteiristas «científicos» em Berlim — Os manejos do «Automobilista»

- O esticção — 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª razões das vantagens do carteirismo sem dôr nas grandes cidades
- Um carteirista que vem a Portugal vêr a mãe e quiere escrever as suas memórias

emendados evidentemente os erros de gramática e ortografia:

«Ex.º Sr. X. — Ando há muito tempo com vontade de lhe fazer uma visita; não uma visita oficial, em serviço, fique descansado. Uma visita amigavel. Estive há pouco tempo em Portugal. Fui dar um abraço à minha velhota e não tive tempo de procurá-lo. Só depois de o senhor ter saído de Londres é que soube que cá esteve. Se soubesse antes, tê-lo-ia procurado.

E' que eu fui informado por um colega que o senhor se interessava por estas coisas do carteirismo, que é uma arte como outra qualquer. Ora fique sabendo — que lho digo eu — que cá pela *estranja* andam agora muito colegas portugueses, alguns a estragar o negócio porque não são bons profissionais. Eu, felizmente, *trabalhei* seis meses em Berlim, sem novidade. Quando percebi que o meu processo já começava a ser notado, como não gosto de ter contas com a Justiça, raspei-me. Vim para Marselha. Mas aqui o campo está muito explorado por espanhois e italianos, que são mais porcos no serviço do que nós. Fui para Paris, que é um pouco melhor. O primeiro mês, disfarçado em caixeiro viajante, andei a *cocar* se a policia de Paris me conhecia. Vi que não, e «trabalhei» à vontade, mais o «Brasileiro», que é um português que esteve no Brasil e que, não desfazendo, é um homem limpo no trabalho. Depois vim para Londres e cá estou. Encontrei cá três portugueses da mesma escola, muito hábeis, que ainda se não deixaram filar. Isto aqui é esplêndido. Creio que, se tiver sorte, arranjo para o resto dos meus dias. Então irei a Portugal buscar a velhota e nessa ocasião hei-de procurá-lo para lhe contar as minhas memórias, que são um verdadeiro romance. Depois vou para a Argentina viver dos rendimentos.

Sou um seu creado. O *Automobilista*.»
Quantos carteiristas portugueses andarão pelo estrangeiro em viagem de «negócios»? Eis o que não é possível apurar a rigor. Mas, fazendo uns calculos por alto, cremos que cerca de uma duzia de larápios espertos andam pela Europa na *piadosa* missão de extrair aos incautos carteiras sem dor...

emendados evidentemente os erros de gramática e ortografia:

«Ex.º Sr. X. — Ando há muito tempo com vontade de lhe fazer uma visita; não uma visita oficial, em serviço, fique descansado. Uma visita amigavel. Estive há pouco tempo em Portugal. Fui dar um abraço à minha velhota e não tive tempo de procurá-lo. Só depois de o senhor ter saído de Londres é que soube que cá esteve. Se soubesse antes, tê-lo-ia procurado.

E' que eu fui informado por um colega que o senhor se interessava por estas coisas do carteirismo, que é uma arte como outra qualquer. Ora fique sabendo — que lho digo eu — que cá pela *estranja* andam agora muito colegas portugueses, alguns a estragar o negócio porque não são bons profissionais. Eu, felizmente, *trabalhei* seis meses em Berlim, sem novidade. Quando percebi que o meu processo já começava a ser notado, como não gosto de ter contas com a Justiça, raspei-me. Vim para Marselha. Mas aqui o campo está muito explorado por espanhois e italianos, que são mais porcos no serviço do que nós. Fui para Paris, que é um pouco melhor. O primeiro mês, disfarçado em caixeiro viajante, andei a *cocar* se a policia de Paris me conhecia. Vi que não, e «trabalhei» à vontade, mais o «Brasileiro», que é um português que esteve no Brasil e que, não desfazendo, é um homem limpo no trabalho. Depois vim para Londres e cá estou. Encontrei cá três portugueses da mesma escola, muito hábeis, que ainda se não deixaram filar. Isto aqui é esplêndido. Creio que, se tiver sorte, arranjo para o resto dos meus dias. Então irei a Portugal buscar a velhota e nessa ocasião hei-de procurá-lo para lhe contar as minhas memórias, que são um verdadeiro romance. Depois vou para a Argentina viver dos rendimentos.

Sou um seu creado. O *Automobilista*.»
Quantos carteiristas portugueses andarão pelo estrangeiro em viagem de «negócios»? Eis o que não é possível apurar a rigor. Mas, fazendo uns calculos por alto, cremos que cerca de uma duzia de larápios espertos andam pela Europa na *piadosa* missão de extrair aos incautos carteiras sem dor...

UM INCIDENTE LAMENTAVEL

No sábado passado, produziu-se em Moura um incidente lamentavel. Cêra das 21 horas, junto do Café Progresso, Evaristo Pereira, funcionário da Repartição de Finanças daquela vila, agrediu Manuel Izidro Cardoso Limpo, sob o pretexto de que era este último quem fornecia ao *Reporter X* os informes que publicou sobre várias irregularidades praticadas na aludida Repartição.

Manuel Cardoso Limpo, sentindo-se agredido, desfechou em legitima defesa alguns tiros de pistola contra o seu agressor, sendo este atingido sem gravidade. O ferido recolheu ao hospital civil e Cardoso Limpo foi preso.

A CÊRA DR. LUSTOSA

que cura a dôr de dentes em 5 minutos

foi finalmente posta à venda — em tôdas as farmacias —

Tubo 8\$00

DEPOSITÁRIO GERAL
Rua S. Nicolau, 25 — Telef. 23989
SECÇÃO DENTARIA
Polycarpo

Fazer referências a este jornal

Este número foi visado pela Comissão de Censura



Max Linder

O SEGRÊDO DA MORTE DE MAX LINDER

QUE CHARLOT ACABA DE REVELAR AO MUNDO



Jeanne Helene Peters

CHARLOT, um dos gênios da nossa era, gênio na arte, ou antes, nas artes (porque a sua obra compõe-se de artes plásticas, de ritmos, de mímica, de caricatura e sobretudo de alma, espírito e cérebro, psicologia, sociologia e filosofia), gênio ao nível dos que se entronizam nas ciências, foi recebido na Europa, como um Chefe de Estado. Não falamos apenas dessa recepção das multidões volúveis e por vezes inconscientes, do estralejar do vivório, do esfusiar dos aplausos, da caça ao retrato e ao autógrafa. Não! Dêsses triunfos deita Charles Chaplin pelos olhos fóra... Desta vez foi a apoteose máxima, definitiva, oficial, escultural, daquelas que parecem *mise-en-scenadas* para ficarem tal e qual assim dentro da História... Presidentes de República e soberanos de secular dinastia, parlamentos e nobres dá mais pura nobreza o acolheram como se acolhe um Chefe de Estado. Não houve condecoração — desde a Legião de Honra a Isabel a Católica — que não fosse pregada na lapela dêsse trágico-ridículo admirável que é Charlot. Em Paris, descendentes de Luís XVI organizaram caçadas de gran-espectáculo, em honra de Charlot e em que Charlot parecia... herófico um dos seus *films* mais cômico-trágicos...

Mas de tudo o *dossier* dêsses dias de glória refulgente, um detalhe, um detalhe apenas nós recolhemos e expomos ao público. É que Charlot, o triste, o torturado, o «neur», o doente de alma, vivia, há muitos anos, sob o peso duma obsessão: o do segredo da morte de um irmão seu, com menos talento, talvez, mas igualmente inquisitoriado por essa fatalidade íntima e exterior da própria alma e do Destino que persegue todos os que fazem rir, desde o *clown* de circo até ao gênio — chama-se êsse gênio Charlot ou Quevedo. Esse irmão cuja vida e a morte dolorosamente misteriosas afligiam Charlot — era Max Linder.

Max Linder tem um romance Filho de uma família burguesa, decente embora modesta, apaixonou-se, os 17 anos, pelo teatro, onde nunca se fez notar. Nessa época, um antigo carneiro de Vincennes, fornecedor das costeletas que se comiam em casa dos pais de Max, já proprietário, então, de vários cinemas (espectáculo novo) e de um pequeno *studio* onde se filmavam as primeiras películas, convidou o jovem artista a trabalhar para o cinema. Charles Pathé — era este o nome do antigo carneiro (hoje um dos reis da indústria do *film*) — tivera grande palpite ao convidar o jovem Max... Max, após umas noites de recolhimento, criara um tipo cômico, cômico elegante, sempre de *frac*, chapéu alto, calças listradas, botas de polimento e camurça, flôr na lapela, monóculo, bigodito bem cuidado, o tipo do *gentleman* parisiense, mas do *gentleman* boêmio, aventureiro, tenório, bem humorizado e fantasioso. A sua fama alastrou-se pelos cinco continentes... Não havia japonês, nem australiano, nem argentino, nem turco que não rejubilasse ao ver num cartaz o nome de Max Linder... Mas aí! A medida que a sua glória e a sua fortuna se dilatavam, o mal infalível dos cômicos ia enterrando mais

fundo as suas garras na alma do artista... Como todos os neurastênicos, tentara aturdir-se na esperança de uma anestesia para o seu sofrimento. Uma vez êsse aturdimento chamava-se Diane Mareau; outra *whisky*; outras ainda Napierkowska, ou ópio... Napierkowska foi, de todas as amantes de Max, a que lhe deu maior ilusão de cura... Já nessa altura — 1915 ou 16 — Max amalhara algumas centenas de mil francos e produzira 250 películas... Resolveu então viajar, fazer uma *tournee* artística... Esteve em Barcelona, Madrid, Lisboa, Berlim, Viena, Turim, Roma... Em Lisboa entrevistei-o. Já nessa altura êle sofria crises tremendas. Recordo uma das suas declarações: «Não julgue que tudo são rosas na minha vida! Chego a asfixiar! Invejo todos os homens que... não sejam Max Linder! Isto de receber mil cartas por dia, de não poder dar um passo na rua, olhar para uma mulher, almoçar num *restaurant*, assoar-se ou escorregar

vida e a morte. Cura-se, aceita um contrato de milhões para Chicago, e em Chicago, mal filmara as primeiras scenas, cai de cama com uma pneumonia de que se salva por milagre. Mais tarde, nas vésperas de terminar a charge aos «Três Mosqueteiros», incendeia-se o *studio* e por um tris não é pasto das labaredas! Regressa à França, e tentando repousar na Suíça, na Suíça encontra, pela segunda vez, uma pequena que êle conhecera ainda de saíta pelo joelho e tranças caídas anos antes. Chamava-se Jeanne Helene Peters e era filha de burgueses ricos. Max recordava-se de que, ao vê-la pela primeira vez, havia oito anos, lhe ficara devendo umas semanas de felicidade e de paz, brincando com ela, dançando, contando lhe histórias, numa intimidade de pai e filha. Agora era ela uma senhora, uma linda mulherzinha de 18 anos, olhos negros, doces, suaves, a heroína ante-sonhada de um lar cheio de encantos que fosse o apogeu de ventura, o remate fôfo e suave e perfumado de uma existência intensamente vivida, hipertrofiada de aventuras e de emoções... Max apaixonou-se. Mas como os pais de Jeanne Helene, burgueses dogmáticos, não queriam que a filha se casasse com um palhaço, embora êsse palhaço possuísse uma fortuna superior à de eles, Max rapta a noiva. Essa lua de mel ilegal podia ter sido o período de maior felicidade para Max se não estivesse escrito no seu Destino, irrevogavelmente, o decreto do desassossêgo e da amargura. Os jornais, ansiosos de escândalos, berraram aos quatro ventos a notícia do rapto. E logo Max, no paroxismo do desespero, amaldiçoara a sua sina: «Está visto que não posso viver como os outros mortais! Eu, que tenho o horror à publicidade, hei-de ver sempre a minha vida, mesmo nos detalhes mais íntimos, descerrada pela multidão! Que gargalhadas não terão acolhido essa notícia: «Max tenório!» «Max rapta uma donzela!» «Mais uma aventura de Max», títulos de película, e o meu lar, a minha alma, ao belo prazer dos pontapés dessa gente sem delicadeza nem sensibilidade para me compreender!»



Charlot caçador... à valer

sem que uma multidão me siga, me espreite, me vigie, pronunciando, em côro, o meu nome: «Olha o Max! E' o Max! Já viste o Max?» asfixia-me, angustia-me, tortura-me! E não é só não ter o direito de um gesto, de um passo, de uma palavra que não sejam bisbilhotados, seguidos, escutados. E' também a impossibilidade de sofrer, de estar aborrecido, de padecer uma dor sem que todos soltem risadas brutais porque ninguém admite que Max Linder sirva para outra coisa que não seja para fazer rir os seus semelhantes!»

Esta entrevista, que eu publiquei em *A Capital*, fez sensação e conservo ainda um bilhete de Max em que, agradecendo-a, me declara que ela era o espelho fiel do seu drama íntimo. A partir de então a vida de Max, sendo de uma contínua prosperidade moral, artística e material, foi também um ininterrupto calvário da Fatalidade.

Vai à guerra e vem das trincheiras entre a

Seis meses depois Max casava-se na igreja de St. Honoré de Paris. Um ano mais tarde nascia-lhe uma filhinha, Jossette, a máxima esperança de ventura do pobre Max... Dois anos depois começava a agonia de Max... Tinha iniciado uma semana antes o *film Chasseur chez Maxim's*, mas logo o interrompera, pagando a todos os colaboradores e perdendo cerca de 200.000 francos. Possuía em carteira contratos no valor de 8.000.000 de francos, que êle não se decidia a cumprir. Mandara construir e mobilar um palacete em Neuilly, onde nunca pusera os pés, continuando a morar num hotel Palace da Etoile... Era surpreendido a chorar pelos cantos. Não dizia palavra... Deslocava-se de um lado para o outro, como um fantasma. Um domingo, em 10 de Setembro de 1925 (recordo-me bem da data por coincidir em algo inolvidável da minha vida, que então se desenrolava também, como um *film*, em Paris...), os creadores do hotel, admirados de não verem sair do quarto os esposos Linder, nem para o almoço, nem para o chá, bateram à porta... Insistiram. Ninguém lhes respondeu. Alarmados, chamaram o gerente e

(Conclui na pag. 15)

Uma reportagem entre os "rufias" de Lisboa

(Continuação da pag. 4)

fatal, excruciante, imperiosamente tiraniza. Vive numa loja térrea num recanto da Rua Castelo Picão, uma casa de aparência sórdida e misteriosa que encerra lá dentro um mundo de surpresas.

E' especializado em roubos de igrejas, este andrógino — e deve essa sua especialização a um simples acaso.

Contou-me a sua história. Reproduzo-a para os leitores, como a ouvi.

Primeiro, porém, é necessário fazer a descrição topográfica do tugúrio onde fui levado por um dos «stars» da falsificação e da passagem da moeda falsa, o «Sorna». Reside aqui, há aproximadamente oito anos, o «Menino». Consta a infecta habitação de três únicos compartimentos — o da entrada, bastante vasto, e, ao fundo, mais dois cubículos vésgos, escuros, lóbregos e soturnos, que recebem ar e pouca luz por dois pequenos postigos rectangulares rasgados na parede que os separa entre si. Torna-se por conseguinte forçoso o emprego, a todas as horas do dia, de luz artificial. Ora de uma vez notou o «Menino», por mera casualidade, que a um dos recantos mais escuros do último aposento sobressaía da terra que forma o solo uma pequena lage de cantaria, af duns setenta centímetros quadrados, sobre a qual se via gravado a escopo uma inscrição de caracteres esquisitos e já um tanto gastos pela acção do tempo. Scismando na descoberta e tendo encrocadas no cérebro diversas narrações sobre tesouros incalculáveis deixados no bairro, bem escondidos pela moirama remota na precipitação da fuga, o «Menino» formou logo tenção de investigar convenientemente o achado, parafusando na melhor maneira de erguer aquela espécie de tampa de pedra. E uma noite de trabalho insano conseguiu afinal levantar o pesado bloco de cantaria. A's suas pupilas sófregas surgiu uma boçarra negra, sinistra, de onde se exalava uma molesta atmosfera bafienta, de coisas mortas. Ao princípio recuou de medo, mas, no dia seguinte, mais afoito, decidiu-se a descobrir o mistério de aquele alcapão de mágica — mistério que empolgantemente o tentava por cubição e por curiosidade. E o que viu?

Descidos uns oito degraus de pedra encontrou-se envolvido pela névoa densa, apavorante, de um extenso corredor subterrâneo — que partia exactamente da sua casa. Com uma pequena lanterna de petróleo aventurou-se a explorar, sózinho, esse rasgó desconhecido das entranhas de Alfama, percorrendo uma enorme distância abobadada de metro e vinte de largura e cerca de dois metros de altura. Foi assim parar à igreja de Santo Estevão, tendo encontrado de notavel, durante o caminho, sómente numerosas e ferozes ratazanas que fugiam espantadas na sua frente. Eram seis horas da tarde. Na igreja não havia ninguém a essa hora. Então, aproveitando a oportunidade única roubou o que pôde: objectos valiosos de culto, preciosas ofertas de crentes que para ali as haviam oferecido a pagar promessas de fé, imagens sagradas riquíssimas, etc.. E para despistar quebrou depois os vitrais de uma das janelas do templo — para fazer acreditar que o ladrão se tinha servido desse caminho.

E' recordo-me dos jornais terem falado no assunto. A policia pôs-se em campo prendendo conhecidos gatunos de arrombamento, inocentes neste caso, aliás, e... o «Menino» continuou a servir-se do mesmo meio simples para saquear novas igrejas, com a anticipada certeza da impunidad — porque o patife, vendo a excelência do seu método, deu-se a estudar minuciosamente todos os subterrâneos e esgotos que, como uma outra cidade soterrada e misteriosa, são por assim dizer as caves da Lisboa antiga que todos nós conhecemos. Uma temporada houve — e ao leitor não deve isso ter passado despercebido — em que os assaltos às igrejas se sucediam inin-

terruptamente, rara sendo a semana em que não aparecia nas gazetas uma notícia, pelo menos, sobre o assunto, e no entanto, a-pesar das pesquisas efectuadas a policia não descobriu o ladrão ou ladrões...

Depois, em breve tempo, toda a enorme tertúlia da malandragem foi iniciada naquele segredo. Os subterrâneos de Alfama, de que a casa do «Menino» se pode considerar o hall, passaram a ter vida própria, descobertos já os seus escaminhos secretos, que são óptimos escondijos e que desde então se tornaram autênticos cóios da «elite» do Mal e do Vício.

A louca dos subterrâneos

Vagabundei durante algum tempo por esses corredores sombrios, onde a atmosfera é pesada, corrosiva, bafienta e as trevas imperam trágicas, evocando-nos lendas de épocas distantes com todo um cortejo de mistérios e de segredos, de segródos escapados pelas malhas largas da História.

Ciceroneia-me um desses legionários da canaliche, audaz e destemido, a quem tratam por «Bom Gosto»... Conhece como poucos os caminhos daquela outra cidade de topografia difficil, daquele outro bairro em que Alfama assenta confiantemente. O local é tétrico. Só de longe em longe umas frestas circulares, que descem afuniladas, retalhadas na abóbada, ao alto, e gradeadas, deixam escoar farrapos de luz que mais adensa ainda o sitio em volta. Sou informado de que esses pequenos postigos que em fugazes momentos nos mostram pedaços do céu estão colocados em varios jardins de casas particulares de Alfama.

E assim, à luz difusa duma pequena lanterna de mina, vou carrearando o dédalo desconhecido e lúgubre dos subterrâneos, verdadeiro labirinto onde não há possível orientação para quem lá se perder. Pelas paredes, das quais escorre permanentemente uma humidade viscosa, notam-se inscrições de nomes, de datas, gravadas a canivete, hieroglifos que são autênticos enigmas e enigmas que são recordações de factos, para aqueles que os fixaram ali. De momento a momento, os pés enterram-se-me em charcos de água estagnada, viveiros, certamente, de insectos imundos e infectos que zumbem em nosso redor, que trepam pelas paredes, que se aninham pelas saliências... Outras vezes são ratazanas enormes, medonhas, nojentas, que fogem à nossa aproximação, espavoridas com a luz e raivosas de lhes devassarmos o coito, guinchando de susto... Mais adiante, um entroncamento de carreiros bifurcados naquele ponto mostramos varias direcções. Conto-os. São seis. Sou conduzido pelo da esquerda. Vai ter a Xabregas — dizem-me —, ao Asilo Maria-Pia, com uma saída pela igreja da Madre de Deus. Percorridos uns cento e cinqüenta metros encontro-me, de súbito, num compartimento relativamente espaçoso, talvez com uns sete metros de comprimento por cinco de largo. Pelas paredes de pedra e cal há nichos abertos configurando armários sem portas, nos quais se vêem diversos utensílios domésticos, arrumados em prateleiras: pratos, cafeteiras, panelas, duas bilhas de barro e um púcaro, de barro também, emporcalhado e mutilado. A um canto uma mesa tósca, cambada, côxa, sustem uma candeia a azeite, de folha coberta de azêbre, e ainda um rôlo de corda. No chão, enrolado, ao canto oposto, observa-se um colchão miserável mal escondido por um esfarrapado cobertor, desses usados na tropa, e sobre o qual descansa um baralho de cartas usadíssimas impermeabilizadas já por tanto cebo que contém... Há também uns dois môchos de madeira enegrecida. De resto mais nada, se exceptuarmos esquisitos objectos de ferro ferrugento cuja utilidade, se a têm, eu desconheço...

Quando deixámos aquêle aposento — se se pode dar esse nome — não resisti à tentação de ali deixar também, gravado numa parede com o dente dum garfo de ferro, um testemunho da minha passagem por aquêle sitio: — o nome de Americo Faria e uma data, 16 de Março de 1931, a juntar-se a tantos nomes lá perpetuados...

Voltámos à bifurcação. O meu cicerone vai-me indicando os variados corredores e onde vão ter. E, dado curioso, todos esses caminhos são cadastrados por nomes próprios, tal qual como em qualquer cidade que se preze... Existem largos, avenidas, ruas, travessas, bêcos... A encruzilhada, por exemplo, chama-se *Praça da Liberdade*... Parte daqui a *Rua do Vigário*, que vem ter a Arroios, à quinta do antigo Instituto de Reeducação dos Mutilados da Guerra, podendo vêr-se da Rua José Carlos Barreiros, olhando para o nível do muro que circunda a referida quinta, a abertura que deita para este subterrâneo... Vemos ainda a *Rua dos Grilhetas*, a *Travessa da Moicic*, etc., etc..

Quando regresso, febril, expectante, atormentado, desejeo de voltar à Vida, à aragem fria e livre que cá fóra freme e rodopia farrandulando pelas esquinas e bailando angustiosos «cancans» por mansões onde a miséria campeia contudente — registo uma pungente nota de reportagem.

Vinhamos silenciosos — eu e o meu companheiro —, cada um entregue aos seus pensamentos íntimos. De repente o som de uma gargalhada arrepiante, intraduzível, medonha, cascalhada sinistramente, rebôa por sob a arcaria enorme e chega aos nossos ouvidos, ficando, em momentos, suspensa no espaço, para ir morrer lá longe, num éco distante. E não sei porque, atterrou-me o imprevisto. Volto-me. O «Bom Gosto» tem os olhos esbugalhados, também de assombro. Depois batendo com a mão na testa, achando a explicação do enigma, explica:

— Ora esta! E' a doida que anda no seu faldão Grande susto a malvada nos meteu...

la a interrogá-lo. Na nossa presença, porém, aparece-nos um estranho vulto, saído não sei de onde e cuja visão me impressiona dolorosamente. E' uma mulher, nova ainda, quasi uma criança. Nos olhos, muito abertos, de órbitas paradas, tem a expressão inconfundível da loucura. Fita-nos atontada, silenciosamente. E o meu companheiro interroga-a:

— Que vens fazer aqui?

E ela, numa voz de ternura, com suavidade: — Vou deitar o meu filhinho!... Cotidiahio, tem muito sono...

Não há duvida, é uma louca! — penso entristecido, examinando-lhe a grenha revoltada e a negligência impudica da sua vestimenta simples, os seus gestos de sonâmbula.

E rindo ruidosamente, depois, desvenda do chale o seio nu, mostrando-nos o que com tanto enternecimento embala ao côlo, aquilo a que chama o «seu filho»... Quereis saber o que era? Era um crânio! Sim, um crânio humano, uma caveira de criança. Ela, pobre rodilha de mulher a quem a Fatalidade havia talhado inexorável destino, notando o meu gesto de horror, de surpresa, e compreendendo o mal, julgando talvez que lhe ia roubar a ilusão tétrica, fugiu medrosa, apertando ao peito esquelético o macabro objecto. Depois sumiu-se nas trévas, ficando apenas da sua passagem o matraquear trágico, doloroso, do seu gargalhar convulso, a zumbir-nos compungidamente aos ouvidos...

O «Bom Gosto», enquanto mediamos o espaço que nos separava da entrada do subterrâneo, narrou-me, numa falácia de giria, o caso da desditosa demente — romance comovedor, emocionante, que se traça em poucas linhas.

E' irmã do «Menino» — o ladrão de igrejas — e, como quasi todas as raparigas solteiras dos

O segrêdo da morte de Max Linder

(Continuação da pag. 13)

Este resolveu arrombar a fechadura. Estavam ambos mortos, marido e mulher, mortos intoxicados por venalol. Imprudência? Não! Suicídio. Lá estava a carta onde Max declarava que não podia suportar por mais tempo o misterioso suplicio moral que o angustiava desde que se casara, e que resolvera matar-se... e levar consigo a alma daquela que ele tanto amava...

* * *

Há dois anos que se debate na justiça francesa uma questão consequente deste drama. A família de Max, que guardava a filha, a pequena Josette, recusou-se a entregá-la aos avós paternos. Estes exigem, por lei, a neto. Os juizes, após longas hesitações, iam talvez ceder às influências dos pais de Jeanne Helene, quando surge Charlot... Eis a declaração do célebre artista:

—A minha vinda à Europa não tinha como objectivo colher todos esses prêmios de admiração que a Europa me ofereceu e com os quais me comoveu profundamente. A minha missão — a única — ao sair da America é outra, muito outra. Venho à Europa e à França cumprir um dever sagrado, o mais alto dever da minha vida. Há cinco anos, Max Linder, o meu irmão na Arte — e na Fatalidade do Destino — escreveu-me uma carta. Escreveu-a na véspera do seu drama. Ora eu recebo uma média de 10.000 cartas por semana. São os meus secretários que as abrem. Nada mais fácil do que succeder o que succedeu. Só há dois meses é que, entre pirâmides de papeis, se descobriu uma epistola. Lia-a, com tremores na alma. Era como se esse querido Max me escrevesse da Eternidade! Apressei o final do meu *film* e, logo que o terminei, embarquei para a Europa. Eis a carta:

«Meu querido Charles Chaplin. — Só a ti, porque só tu me compreenderás, vou revelar o segrêdo do meu drama. Após muitos anos de inquietação, de intoxicação de vida demasiada vivida, de desilusões, de incertezas, de estar farto de todos e de tudo — sonhei com uma ventura calma, cheia de paz e de intimidade. Mas para essa ventura faltava-me o principal: a mulher. Jul-

guei encontrá-la, na Suíça. Ah! que emoção a minha, ao pensar que Deus ia satisfazer a realização do meu sonho. Ela era santa, casta, terrena, alma branca, ansiosa dum amor eterno, nascida para ser esposa e para ser mãe. Lutei contra tudo e todos — e fiz dela minha mulher! Mas que horrível despertar! Oito dias depois já eu suspeitava dela! Um mês depois — tinha a certeza que me enganava, que me traía! O que eu sofri, meu querido Charles — porque a-peiar de tudo amava-a ainda; amava sobretudo o meu sonho! E o mais grave é que ela ia ser mãe! Durante dois anos fiz todos os esforços por regenerá-la, por fazer dela a heroína da minha utopia de felicidade! Impossível! Ela, egoísta, leviana, *coquette*, só via o luxo, o baile, a orgia da chamada boa sociedade, o amor de todos os homens, sem pudor, sem outra paixão que não fosse a de si própria e a dos seus instintos perversos. Não posso mais! Vou morrer — e ela sabe que vai morrer também. Levo-a comigo por causa da filha. Eu não quero que a minha querida Josette seja educada como ela foi. Mas libertando essa criança dos maus exemplos da mãe — não a liberto da péssima educação dos avós maternos, que farão dela o que fizeram de minha mulher. Quero, exijo que a minha filha seja educada com meus pais e meus irmãos, gente santa, gente sã, gente pura que fará dela uma mulher honesta, uma boa esposa e uma boa mãe. Peço-te, meu querido irmão na Arte e no Sonho e na Desventura, que empregues todos os teus esforços para evitares que a minha querida Josette seja... o que a mãe foi!»

* * *

Charlot cumpriu a sua missão. A filha de Max foi confiada, definitivamente, aos avós paternos. De todas as glórias da sua viagem à Europa — é esta, sem dúvida, a maior de todas porque deu o sossego a uma alma tão martirizada em vida e tão angustiada na liberdade do éter. Que tragédias estas — as dos homens que fazem rir o público!

R. X.

Loures da miséria, que são certos bairros, um dia deu conta de que ia ser mãe. Se inquirissem dela como sucedera aquilo, não saberia responder. Fôra, simplesmente, o Acaso — o Acaso personificado nalgum malandrim afiandrado do sítio, que lhe colhera as primícias do seu amor de virgem e, ao cabo, saciado já, a abandonou. O certo é que teve um filhinho. E este, já crescido, uma ocasião lembrou-se de descer também ao subterrâneo, para onde tantas vezes tinha visto descer o tio, o «Menino». A lage da entrada estava imprevidentemente levantada, de maneira que De maneira que desceu sem ninguém dar por isso e, aventurando-se pelo imenso e escuro labirinto, perdeu-se a breve trecho. O resto não se sabe — mas calcula-se... A' noite, quando a mãe regressou da venda — porque era peixeira a desventurada rapariga — notou a ausencia do filhito, que era hábito esperá-la sentada à porta da rua. Adivinhando uma desgraça correu a casa toda e todo o bairro, mas inutilmente. Por último, alcançada, suspeitando a verdade, desceu igualmente aos malditos subterrâneos, embrenhando-se afoitamente pelos perigosos caminhos e chamando aflita pelo filho. E como a criança não aparecesse ela esqueceu-se ali, toda a noite, a procurá-lo numa obsessão penosa, dolorida, egoísta, no seu grandioso amor de mãe. No dia immediato, o irmão encontrou-a inânime, estatelada num charco, de bórco, e os pés descalços cobertos de sangue de tanto andar. Caíu à cama, delirando, entre a vida e a morte, mas chamando ainda, chamando sempre, em altos brados, em gritos de alma pelo ente que-

rido, pela sua vida... Quando se levantou foi novamente para o procurar numa ansia que a matava, que lhe rasgava o coração, já com os primeiros acessos da loucura a amortalhar-lhe a juventude sábia de intenso negrume.

Só volvidas algumas semanas o corpo da criancinha foi finalmente encontrado, mas irreconhecível, de carnes esfrangalhadas, roídas pelas famintas ratanzas, de membros horrorosamente dilacerados pelos vermes carnívoros e ferozes. Foi o golpe decisivo na sua razão abalada. Rindo e chorando, simultaneamente, agarrou-se desvaída ao mutilado corpo do filho, a beijá-lo num frenesim envolvendo-o em desvelados cuidados — como se ainda ali o tivesse vivo e traquinas...

No outro dia a seguir, quando iam para fazer o funeral à desventurada criança, viram, com horror, que a mãe desgraçada, num ataque de demencia, a havia cortado em postas como sabia fazer ao peixe que vendia... Descarnados os ossos e tirado o couro cabeludo ao pequenino crâneo, escalpelizado à maneira selvagem para o guardar como reliquia...

Agora lá anda, como uma sombra, trágica e grandiosa, a percorrer os misteriosos subterrâneos, a enfronhar-se pelos recantos sinistros do local que lhe matou a vida da sua vida, que lhe roubou o filho e lhe tirou a razão, acorrentando-a a mísero fadário — vegetando no seu mundo de inconsciência, no mundo irreal e fantástico que pertence aos loucos.

AMERICO FARIA

O TERROR DE BUENOS AIRES

(Continuação da pag. 7)

venceu a lei: Giovanni foi preso. A noticia causou em Buenos Aires uma sensação indescriptivel.

Quem era Giovanni

Severino di Giovanni, piemontês de origem, teve uma infância venturosa. Fez estudos muito completos na Universidade de Milão e o futuro antevia-se-lhe tranquillo e burguês, sem grandes aventuras. Mas surge em Italia o regime fascista. Giovanni, logo de comêço, afirma-se adversário do novo regime. O seu temperamento arremessa-o para o exagero, para as fileiras anarquistas. Perseguem-no, foge para França, de onde é expulso. Passa a Espanha e de Espanha para Portugal — o cais da Europa.

Em Portugal trava relações com alguns legionários. Frequenta a *Brasileira*. Lembra-nos de o termos visto uma vez num *club* de Lisboa. Era um rapaz alto, ombros largos, feições correctas, talhe elegante. Havia qualquer coisa de *dandy* no seu aspecto. As mulheres adoravam-no. É uma mulher o perdeu. De Portugal embarca para a Argentina. Durante uma temporada entrega-se a uma intensa propaganda oral das suas ideias. Era um sincero. Mas... vieram as necessidades. Quis dinheiro. Uma mulher, America Scarfo, irmã do seu cumplice Scarfo, instiga-o, fornece-lhe os planos que elle, arrebatado e amoroso, executa.

Na vespera de morrer, mandou chamar a esposa legitima e os seus dois filhos. O mais velho tem dez anos. Giovanni aconselha a esposa a regressar à Italia e a apagar a sua existência da memória dos filhos. Momentos depois da pobre familia se retirar, chega America Scarfo. Vem bela, radiosa. Abraça-o longamente, ternamente. Insufia-lhe coragem. «Giovanni — diz-lhe ella — é preciso saberes morrer como vivesse, com firmeza, com coragem». E realmente caminhou com serenidade para a morte.

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 9)

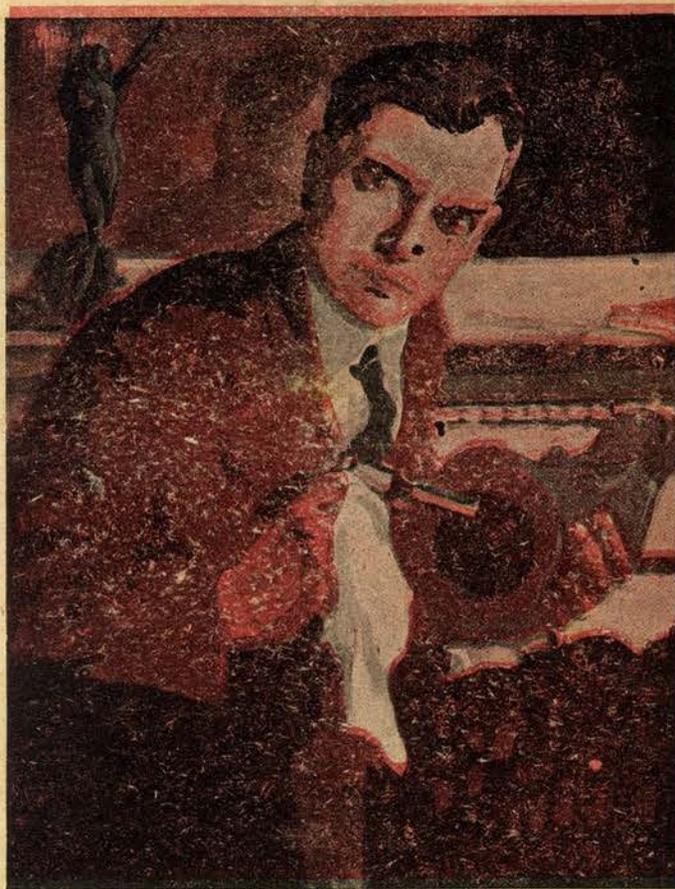
escudos. Essas forças, esses magnates que ditam o assalto não-de ser um dia arrancados da sombra pela nossa mão justiceira. Esses saltadores encasacados, entrincheirados em honorabilidades ficticias, todos esses poderosos a quem teno feito tremer com a ponta desta pobre pena de aço julgavam que pagando a um bandido que nos assaltasse ao caminho nos inutilizariam para sempre mas enganam-se. Enganam-se, porque nós, evitando o biltre como quem salta sobre o charco para não enlamear os pés, estamos dispostos a não deixar fugir o adversário occulto e a ir dar-lhe combate onde elle se esconder — um combate de vida ou de morte, mandando apenas as grandes e nobres armas da Verdade e da Justiça.

O «apache» é apenas um incidente porco do combate. Não lhe prestemos mais atenção.

MARIO DOMINGUES

Novela Policial

Director: Reporter X



QUINTA-FEIRA, 30 DE ABRIL

OS TRÊS DEGREDADOS
